

NOTA DE PESQUISA

PLANTAS MEDICINAIS, ERVAS AROMÁTICAS E PRODUTOS PARA USOS IMATERIAIS NA FEIRA DA 25, EM BELÉM DO PARÁ

*Elielson Soares Farias*¹

*Gutemberg Armando Diniz Guerra*²

Resumo

Em tempos em que o termo “biodiversidade” parece pular do seu lugar para encontrar-se com outros mundos pouco conhecidos, o tradicional ganha contornos que sugerem uma releitura das experiências e práticas das “populações tradicionais”, particularmente com plantas e animais, como elo de ligação entre o natural, o cultural e o simbólico, revelando o valor e o sentido de outro termo importante, a conservação. Este texto tem como objetivo apresentar dados de observações feitas na Feira da Rua 25 de Setembro, em Belém do Pará e das relações sociais que envolvem o comércio das plantas, ervas e óleos medicinais. É resultado de entrevistas feitas intercaladas por atendimento aos clientes pelos feirantes informantes desta pesquisa. Os eleitos para este procedimento foram os proprietários das barracas de comercialização de plantas ornamentais, ervas medicinais e óleos para banhos, massagens e defumações. Relata como surgiram as barracas e parte da história dos seus proprietários. Descreve e analisa os espaços de sociabilidade da Feira da 25 de Setembro.

Palavras-chave: Magia. Biodiversidade. Saberes Locais. Amazônia. Mercados.

-
- 1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Pará. Correio eletrônico: elielsonfarias@yahoo.com.br
 - 2 Professor Associado do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Pará. Correio eletrônico: gguerra@ufpa.br

Abstract

At times when the term “biodiversity” seems to jump from its place to meet other unknown worlds, the traditional gets contours that suggest a reinterpretation of experiences and practices of “traditional peoples”, particularly with plants and animals, connecting the natural, the cultural, and the symbolic, showing the value and meaning of another important term: closure. This text aims to present data from observations made at the 25 Street Market, in Belem, Pará, Brazil; and social relations involving the trading of medicine plants, herbs and oils. It is the result of interviews interchanged with customer service by informant merchants of this research. Those elected for this procedure were the owners of tents marketing ornamental plants, medicine herbs and oils for bathing, massage and fumigation. It reports how the tents began operating and the history of their owners. It describes and analyzes the spaces of sociability at the 25 Street Market.

Keywords: Magic. Biodiversity. Local Knowledge. Amazon. Markets.

INTRODUÇÃO

Data do século XIX e início do XX a presença da “medicina dita como popular, praticada pelos curadores e herbários (que curavam doenças com uso de ervas e plantas medicinais), pelos feiticeiros, rezadores, benzedores e parteiras e era a terapêutica mais usada pela população nas suas enfermidades cotidianas” (Rodrigues, 2008). Este dado revela dois aspectos interessantes sobre o tema: o primeiro é que até início do século XX a medicina no Brasil era predominantemente praticada pelos curandeiros, que misturavam suas experiências práticas a saberes dos africanos, índios e dos jesuítas; o segundo são as primeiras tentativas de hegemonizar as práticas da medicina, a partir da desqualificação das práticas dos curandeiros e parteiras, com a introdução de métodos técnico-científicos, quando o termo “ciência” começava a entrar no vocabulário dos brasileiros (Nava, 2003, *apud* Rodrigues, 2008).

No estado do Pará este processo foi lento e os próprios defensores da medicina sentiram-se decepcionados quando, ao propagandear os sucessos das novas práticas médicas, baseados em conhecimentos do Novo Mundo, não viram mudanças nos comportamentos dos belenenses. Estes continuavam a buscar as curas com os curandeiros e a parir seus filhos pelas mãos das parteiras, que foram chamadas, preconceituosamente, de “perigosas mulheres”. O professor

Faustino, protagonista destas práticas, depois de passar pelo Sudeste e Nordeste do Brasil, aportou em Belém no final de 1904 e curava com a imposição das mãos sobre as enfermidades e realizava curas que os médicos não conseguiam realizar. Teria feito muito sucesso e atendia a um público diverso: políticos, autoridades policiais, senhoras ricas da sociedade, inclusive o próprio governador do estado, Augusto Montenegro, teriam sido por ele atendidos (Rodrigues, 2008).

Um jornal de ampla circulação no estado do Pará apresenta a importância do uso de plantas medicinais em manchete: “Ervas populares: arma contra o diabete” (*Diário do Pará*, 2012), demonstrando que o debate continua atual e que as querelas do século passado continuam presentes no cotidiano dos 80 barraqueiros que trabalham com vários tipos de ervas e chás medicinais em Belém. O conflito entre a validade dos métodos de cura e, particularmente, a medicina tradicional e moderna, mexem com o imaginário e opinião de muita gente. Nesta matéria, o endocrinologista Francisco Pedrosa, afirma que “não existe nenhum estudo médico demonstrando definitivamente a ação eficaz dos flavonoides no controle do diabetes”. Dona Beth Cheirosinha, erveira, afirma que a pesquisa apenas concretizou algo que já fazia parte da sabedoria popular paraense desde os tempos de sua avó (*Diário*, 2012).

A questão central é que as práticas da medicina tradicional ainda ocupam seu espaço não só nas prateleiras das barracas das ervas, mas na memória e nas práticas de cura dos paraenses, sejam materiais ou imateriais. Um destes espaços comerciais está localizado na Rua 25 de Setembro, nas imediações da Estação Rodoviária de Belém. É conhecido pela população local por nela existir uma grande variedade de produtos hortifrutigranjeiros, em particular as farinhas. Para efeito deste texto, foi feito investimento para conhecer a ocorrência de produtos estéticos, medicinais e de uso religioso naquele espaço. Este conteúdo articula-se com o Projeto do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Biodiversidade, Sociedade e Educação na Amazônia – BioSE, liderado pelo professor Flávio Bezerra Barros, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Agriculuras Amazônicas, do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Pará. Verificou-se que na Feira da 25, como é conhecido este entreposto comercial, existem duas barracas que comercializam plantas medicinais, ervas aromáticas e produtos utilizados para magia, feitiçaria, simpatias, sortilégios e mandingas. Este espaço revela que estas práticas são importantes para uma parcela significativa da sociedade belenense, do Pará e da Amazônia, em que pese a hegemonia das práticas da medicina. Elaborado como exercício acadêmico, esta nota de pesquisa apresenta percepções da relação entre comerciantes e clientes, que têm em comum a crença e a sabedoria no manejo das plantas, ervas e óleos.

O QUE MOVE O COMÉRCIO

Em primeira visita foi possível identificar duas barracas³ que se identificam pela comercialização de plantas, ervas e óleos medicinais. Este tipo de estabelecimento oferece outros produtos, como a castanha-do-Pará (*Bertholletia excelsa*, H. e B.K.) *in natura*, condimentos e produtos industrializados em Belém, nas regiões metropolitana e vizinhas ou nos Estados da região Norte, como o Maranhão.

As barracas pertencem, uma a dona Nívea e a outra ao Sr. Celso. Em que pese as duas estarem caracterizadas como “barracas das ervas”, nelas se comercializam mais que isso. Na da dona Nívea, por exemplo, comercializa-se vassoura de cipó; castanha-do-Pará (*Bertholletia excelsa*, H. e B.K.); cominho (*Cuminum cyminum*, L) e pimenta-do-reino (*Piper nigrum*, L), óleos, banho de cheiro e outras variedades. A do Sr. Celso concentra-se nos banhos, sabonetes e uma grande variedade de medicamentos caseiros sintetizados, como os xaropes e os anti-inflamatórios.

Foi possível identificar várias espécies de plantas, óleos e ervas e para qual tipo de doença são indicadas. Embora as duas barracas comercializem quase os mesmos produtos, dona Nívea se destaca por demonstrar ter um cabedal de conhecimentos sobre seu manejo. Sua considerada habilidade com as receitas, maneiras variadas de manuseio das plantas e óleos e as fórmulas de preparo, ilustram o domínio de práticas que envolvem os ministérios das plantas medicinais e suas aplicabilidades e, com isso, dialoga e transmite segurança aos seus clientes.

Na segunda barraca, o Sr. Celso, em que pese ter mais de 20 anos de trabalho na feira com este tipo de comércio, não demonstrou, pelo menos durante esta visita, práticas com as plantas, ervas e óleos “*in natura*”, embora seu estabelecimento seja mais sortido com produtos sintetizados pelos laboratórios locais, regional e de outros estados. Isto não quer dizer que os produtos sintetizados tenham menor importância e um comércio desprezível, o que merece maior investimento em pesquisa.

A relação vendedor/cliente, neste tipo de mercado é um tema para ser aprofundado, pois pode revelar outros domínios de conhecimentos que não sejam os repassados na escola formal, mas calcados em vivências em áreas tradicionais, passados de geração a geração. Dona Nívea, por exemplo, é a segunda geração neste comércio e já encaminha a terceira, pois sua filha de 15 anos já coopera com o negócio da família.

Abaixo segue uma tabela que revela a variedade e o domínio dos conhecimentos sobre o manejo de ervas, óleos e banhos. A tabela pode indicar o quan-

3 Barraca é o termo usado para caracterizar pequenos espaços de concreto, ou madeira e às vezes combinando madeira e alvenaria, onde se expõem e se armazenam produtos que são comercializados todos os dias da semana nas feiras públicas.

to este tipo de conhecimento tem validade e sugere que esta é somente uma das parcelas dos variados conhecimentos existentes e disponibilizados por este tipo de comerciante.

Tabela 1 – Plantas mais encontradas na feira e tratamentos indicados

Plantas	Doenças/sintomas
Pião – branco (<i>Jatropha curcas</i> L.), manjerição (<i>Ocimum basilicum</i> L.), laranja-da-terra (<i>Citrus</i> , spp), alfavacão (<i>Ocimum gratissimum</i> L.)	Tosse, bronquite e resfriado
Pariri (<i>Arrabidaea chica</i> H&B Verlot), sucuba (<i>Himatanthus sucuba</i> , Spruce) e marupazinho (<i>Eleutherine plicata</i> Herb)	Afecções Renais
Mastruz (<i>Chenopodium ambrosioides</i> L), andiroba (<i>Carapa guianensis</i> Aubl.), cabacinha (<i>Luffa operculata</i> Cogn) e gengibre (<i>Zingiber officinale</i> Roscoe)	Fratura, reumatismo e baque
Pirarucu (<i>Arapaima gigas</i>) e vassourinha (<i>Scoparia</i> L.)	Afecções da pele, erisipela
Pau de verônica (<i>Veronica officinalis</i> L.), Amapá (<i>Parahancornia amapa</i> (Poir.) Benoist), pinhão roxo (<i>Jatropha curcas</i> L.)	Usos mágicos e fortificantes
Alfavacão (<i>Ocimum gratissimum</i> L.), limãozinho (<i>Citrus limonum</i> (Risso), pião-branco (<i>Jatropha curcas</i> L.) e arruda (<i>Ruta graveolens</i> L.)	Dores de cabeça
Cabacinha (<i>Luffa operculata</i> Cogn), sucuba (<i>Himatanthus sucuba</i> , Spruce), sucurijú (<i>Eunectes murinus</i>)	Afecções hepáticas
Andiroba (<i>Carapa guianensis</i> Aubl.) e copaíba (<i>Copaifera</i> sp)	Afecções da garganta
Mastruz (<i>Chenopodium ambrosioides</i> L), e Arruda (<i>Ruta graveolens</i> L.)	Verminoses
Sabugueiro (<i>Sambucus nigra</i> L.), milho (<i>Zea mays</i> L.)	Doenças infecciosas em crianças (sarampo, papeira, catapora)
Trevo-roxo (<i>Oxalis atropurpurea</i> Regnellii)	Afecções nos ouvidos
Vassourinha (<i>Scoparia</i> L.)	Circulação do sangue
Erva cidreira (<i>Melissa officinalis</i> L.)	Calmante

Fonte: Pesquisa de campo, 2012

GÊNERO E GERAÇÃO

Dona Nívea é a segunda geração de vendedores em seu estabelecimento comercial e tem a barraca como a principal fonte de renda da família. Trabalha no ramo há mais de 20 anos e seu pai foi um dos pioneiros da feira, quando ela, ainda criança, o ajudava na comercialização. Este dado revela que aprendeu e herdou do seu pai grande parte do que sabe sobre plantas, ervas e óleos medicinais.

Sua filha de 15 anos participa no manuseio e no comércio das ervas e demonstra-se interessada no aprendizado destas práticas, o que indica que os conhecimentos herdados estão sendo transmitidos para a próxima geração. A considerar este fato, uma terceira geração com domínio das práticas comerciais está sendo preparada para continuar este tipo de atividade, mantendo-se na mesma família.

O Sr. Edilson, companheiro da dona Nívea, no que se refere ao comércio de ervas medicinais, aromáticas e mágicas, tem suas atribuições bem definidas neste universo. Apesar de estar há mais de 20 anos com dona Nívea, confessa não dominar as práticas, nem os conhecimentos tradicionais que envolvem o uso e manuseio das plantas. Toda e qualquer receita demandada é repassada para dona Nívea. O Sr. Edilson trabalha na organização, montagem e desmontagem da barraca, além de transformar alguns produtos, como a castanha-do-pará: é ele quem assume a tarefa de descascar, fazer a propaganda e comercializar as mesmas.

A irmã do Sr. Edilson também trabalha nesta barraca descascando castanha-do-pará, executando outras atividades de transformação dos produtos e organização na barraca.

Não foi possível ouvir a filha da dona Nívea, para saber suas expectativas para o futuro e se está disposta a continuar trabalhando com o “negócio” da família na feira. Porém, o fato de estar presente pode indicar uma afinidade pelo comércio na feira. É necessário investir em outras observações para entender como se dá o processo de reprodução e transferência deste tipo de conhecimento e patrimônio aos membros da família.

Na barraca do Sr. Celso não foi possível identificar nenhuma relação com outras pessoas, pois trabalha sozinho. Quando foi perguntado sobre o assunto, declarou que toda renda familiar advém do comércio que realiza na feira.

Perguntado sobre o que mais as pessoas têm procurado em sua barraca, ele prontamente contou a estória do banho do tamacuaré (*Uranoscodon superciliosus*). Espécie de lagarto, vendido desidratado, é muito procurado pelas mulhe-

res que querem deixar seus homens “mansos”, “bestas”, “matutos”. Os homens, em contrapartida, procuram pelo conhaque do “catuabão”, segundo o comerciante, um afrodisíaco poderoso que promete recuperar a mulher perdida para o amante (“Ricardão”).

Este tipo de assunto aliado a estas estórias ilustram o lado hilário e brincalhão dos feirantes da Feira da 25 de Setembro, que começam a trabalhar antes do sol e só largam quando ele também já se escondeu.

ORIGEM DOS PRODUTOS

A preocupação com a origem dos produtos tem servido como referência de qualidade para os consumidores, principalmente no que a distância implica de tempo entre a colheita e a chegada do produto na feira. Este é um dado que encontra barreiras no fornecimento, principalmente para produtos que estão sujeitos à fiscalização oficial. Quando perguntados sobre a origem dos produtos a resposta ficou confusa e dispersa, indicando que este tem sido um elemento pouco claro na relação entre as partes. Pode indicar uma indefinição, ou a variedade de fornecedores tão grande quanto a variedade dos produtos. Nas respostas dos fornecedores houve referência aos municípios de São Miguel do Guamá, Moju, Abaetetuba, Benevides para produtos como os óleos; o bairro de Curuçambá, em Belém, foi citado para as ervas que são consumidas no dia a dia. Benfica, nas imediações da capital paraense, aparece na relação como localidade onde existem hortas de produção de ervas medicinais e aromáticas.

Estudo realizado no universo de 178 plantas encontradas nas feiras indica que 67% são originárias da região Amazônica e os nomes, 42% tem origem no tupi (Amorozo, 1988). Isto mostra que, em que pese a variedade das localidades, sua grande maioria está localizada na Amazônia, o que dá uma dianteira à região para pensar políticas públicas que possam dialogar com os caboclos e populações que estão mais próximas das fontes fornecedoras destes recursos naturais.

CLIENTES PREFERENCIAIS DAS ERVAS

Em poucas horas de um movimento intenso de comercialização de produtos, foi possível observar o público que frequenta a barraca da dona Nívea. Identificou-se visualmente um público que já passou dos 50 anos de vida e principalmente composto de mulheres. Foi possível verificar que a relação comerciantes/clientes guarda diferenças das observadas em supermercados e *hipercenters*. Pelo fato da relação ser direta, clientes e fornecedores se conhe-

cem. Permitem-se, muitas vezes fortes apelos de intimidade entre um e outro. Talvez pela peculiaridade deste tipo de negócio, esta relação exige confiança no outro e certa cumplicidade. Os clientes parecem ter plena confiança no seu fornecedor e seguir suas recomendações.

Mesmo com as limitações de uma única visita, foi possível observar que o comércio das ervas medicinais atende as várias camadas sociais. Pessoas bem vestidas, com chaves do carro na mão, procuram dona Nívea para orientações e consumo de produtos medicinais. Pessoas de aparência mais humilde fazem parte deste mesmo universo, o que permite concluir que este é um comércio que vai além das ervas, vendendo bens imateriais que se articulam a produtos que atendem a diversificados interesses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que pese o exposto acima ser o resultado de observações diretas realizadas no contato com os comerciantes e seus clientes, este tipo de trabalho carece de aprofundamento. No estudo realizado por Amorozo & Gely há uma indicação da possibilidade de maior elaboração, com vista a promover política de saúde ajustada a este tipo de percepção e reação de uso de plantas na cura de enfermidades.

Este aprofundamento pode avaliar o poder simbólico que tem o uso de determinadas plantas, frente a situações que os remédios convencionais não conseguem reagir. Além da pajelança que existe por traz do uso de vários tipos de produtos como o olho do boto, que o homem usa para atrair as mulheres e os banhos de cheiro que as mulheres usam para atrair os homens.

REFERÊNCIAS

- AMOROZO, Maria Christina de Mello & GELY, Anne. *Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazônia*. Barcarena, Pará, Brasil. Bol. Mus. Pará. Emilio Goeldi, Sér. Bot. 4 (1), 1988.
- DIÁRIO DO PARÁ, A17, de 26 de novembro de 2012.
- RODRIGUES, Silvio Ferreira. *Esculápios Tropicais: a institucionalização da medicina no Pará (1889-1919)*. 2008. Dissertação (Mestrado)– Ufpa, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém-Pará, 2008.
- ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. *Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil)*. Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu, v. 12, n. 1, 2010, p. 31-42.

Figura 1 – Placa colada na barraca da dona Nívea



Foto Elielson Soares Farias, 2012.

Figura 2 – Plantas já sintetizadas ou desidratadas prontas para o preparo e uso



Foto: Elielson Soares Farias, 2012.

Figura 3 – Variedades de produtos na barraca da dona Nívea



Foto Elielson Soares Farias, 2012.

Figura 4 – Dona Nívea em frente sua barraca



Foto Elielson Soares Farias, 2012.

Figura 5 – Sr. Celso em frente sua barraca



Foto Elielson Soares Farias, 2012.

Figura 6 – Produto afrodisíaco



Foto Elielson Soares Farias, 2012.

